

A ENCOMENDA



A encomenda

Margarita García Robayo

*Tradução do espanhol de
Silvia Massimini Felix*



*Primeiro foi como a intromissão de uma mosca no inverno.
Algo tão raro. Os olhos seguem o voo.
O ouvido tenta perceber o zumbido.
A mosca se detém na mesa
na lâmpada. Desconcerta.*

Estela Figuerola, “A mosca”

*Esta história
é um pouco particular,
mas é assim.
É nossa história.
E quando eu a tiver lhe contado,
será sua
para sempre.*

Germano Zullo e Albertine, *Meu pequeno*



1

Minha irmã gosta de me mandar encomendas. É ridículo, porque moramos longe e a maioria das coisas vai se estropiando no caminho. Longe é uma palavra curta demais quando traduzida para a geografia: cinco mil e trezentos quilômetros é a distância que me separa da minha família. Minha família é ela. E minha mãe, mas não tenho nenhuma relação com minha mãe. Acho que minha irmã também não. Faz anos que quase não me fala dela, embora eu suponha que ela ainda se ocupe das suas próprias coisas. Às vezes fico curiosa para saber o que aconteceu com a casa em que moramos quando crianças, mas não pergunto porque a resposta pode vir com informações que eu prefiro não ter.

A casa ficava numa vila de pescadores distante da cidade, uma ponta de areia que se projetava no mar como uma presa. O terreno era grande e a casa pequena, ficava no alto de um barranco com vista para um mar meio selvagem que cuspiam ondas que se arrebentavam contra os esporões. A lembrança mais perdurável que tenho dessa casa é a de uma noite em que minha mãe saiu e demorou muito para voltar. Eu devia ter uns cinco anos e minha irmã, dez. Eusebio, o caseiro, trouxe minha mãe ao amanhecer. Ele disse que a encontrara andando pela estrada. A desculpa dela era que tinha saído para to-

mar um pouco de ar e perdera a noção do tempo. Desde que me entendo por gente, minha mãe precisava de ar: lembro-me dela abrindo as janelas e as portas da casa, abanando-se com as mãos de forma enérgica e descontrolada. Sempre tive a ideia de que seu corpo abrigava um bando de pássaros que batiam as asas para sair e a arranhavam por dentro. E era por isso que chorava. E se alguém viesse consolá-la, algo que consistia es-
tritamente em ir cercando-a devagar com o olhar temeroso, ela escapulia como uma lagartixa e se trancava no banheiro.

Falo com minha irmã uma vez a cada quinze dias. Também nos aniversários. E ela tem a delicadeza de me ligar quando algum furacão atinge o Caribe — algo de que raramente tomo conhecimento —, para me avisar que onde eles moram não chegou nem uma brisa. Temos conversas bem-intencionadas e curtas. No fim, ela sempre anuncia que está preparando uma encomenda para mim, detalha os produtos e me mostra os desenhos que meus três sobrinhos vão me enviar, nos quais eu sempre apareço com lábios enormes, roupas floridas, capas douradas, coroas e umas chamativas botas de caubói que eu nunca tive e nunca teria. Às vezes ela me diz “essa aqui vai com uma surpresinha”, e manda junto uma foto de quando éramos pequenas, uma das muitas que ela tem nos seus álbuns ordenados por ano. Lamento que nem os desenhos nem as fotos cheguem inteiros, pois ela enfia tudo na mesma caixa e o papel fica molhado com as polpas de frutas, que respiram no saco durante a viagem. Algumas fotos, dependendo do papel, aguentam melhor; não chegam a se desintegrar, mas o líquido borra nosso rosto e nos torna fantasmagóricas.

Portanto, costumo receber caixas perfeitamente embaladas por fora, mas recheadas de comida podre.

Permito que minha irmã me envie encomendas porque dizer não a ela requer uma explicação que ela vai levar a mal, reafir-

mando para si mesma que a distância me tornou uma pessoa desdenhosa. Depois de anos de ausência e vínculos oscilantes, a estratégia mais segura para manter a harmonia é fingir que não há grandes diferenças entre ela e eu. Neutralizar-nos. Isso exige um esforço significativo de ambos os lados. Sei o quanto é difícil para ela fingir que considera minha vida de exilada normal, e não uma extravagância, *um excesso de excentricidade*. E eu naturalmente tenho de aceitar algumas coisas, por exemplo, que a embalagem a vácuo de produtos perecíveis seja uma técnica desdenhável.

— Conte com isso — ela me diz agora da tela do computador.

Hoje não tínhamos que conversar, mas liguei para ela porque vou precisar da sua ajuda para me enviar um documento que estão me pedindo para a bolsa. “Outra bolsa?”, foi sua primeira resposta, bastante morna. “Mas na Holanda”, expliquei, “o primeiro mundo.” “Parabéns!” Aí estava a reação esperada, que agora eu devia suavizar: “Mas eles ainda não me deram”. E ela: “Mas vão te dar”.

Ainda não lhe expliquei o que tem de fazer e ela já está respondendo que sim, claro, ela vai me enviar o mais rápido possível. Como das outras vezes, ela se mostra determinada a me fazer favores dos quais depois esquece. Parte da piada sobre ser a irmã mais velha é me transmitir essa confiança entusiasmada, mas um tanto vaga.

Toda vez que conversamos, reforço minhas ideias sobre a falácia do parentesco. A cada ligação, a teoria ganha em espessura o que perde em clareza. Imagino minha cabeça hospedando longas lombrigas que se batem contra as paredes; que crescem lenta e excessivamente; que se enrolam em si mesmas para ocupar cada vez mais espaço. Eu as deixei ficar ali por anos, desejando que o tempo passasse por cima delas e as esmagasse. Mas o tempo não foi mais do que uma efervescên-

cia. Um dia, as lombrigas vão brotar do meu couro cabeludo como uma medusa.

— ... e umas cocadinhas daquelas que você gosta — diz minha irmã como fechamento de uma enumeração à qual eu não estava prestando atenção. É o inventário da última encomenda que ela mandou para mim e que deve estar prestes a chegar. Nem um mês se passou desde a anterior, o que me parece incomum, mas não quero interrompê-la para perguntar por que ela está com tanta pressa, senão a conversa se estenderia demais.

Minha teoria parte do pressuposto de que a consciência do vínculo é suficiente para convencer as pessoas de que o parentesco é um recurso inesgotável que vale para tudo: unir destinos opostos, dobrar vontades, combater o desejo de rebeldia, transformar mentiras em memórias e vice-versa; ou ter uma conversa anódina. Mas não é suficiente, pelo contrário. O parentesco é um fio invisível, você tem de imaginá-lo o tempo todo para lembrar que ele está lá. Nas últimas vezes que vi minha irmã, continuei repetindo para mim mesma: “Somos irmãs, somos irmãs”, como quem só pode explicar um fato misterioso apelando para a fé. É outra coisa morar com seus parentes — é o que penso sempre que a vejo com sua prole —, descobrir-se todos os dias nos rostos e gestos de outras pessoas que envelhecem com você e que reproduzem suas informações genéticas como esporos. Quando minha irmã olha para seu filho mais velho — idêntico a ela —, posso ver a satisfação — e o alívio — nos seus olhos: viverei no seu rosto para sempre. Talvez o entendimento entre eles não seja tão simples ou automático, mas a aceitação vem mais rápido.

Agora minha irmã enrugando a testa e desviando o olhar, indicando que está pensando em como preencher o vazio em que a conversa caiu. Essa é uma instância que me apavora. O que se

segue é a vertigem, o mergulho em conversas banais. E eu não sou boa nisso. Sou ruim, mas não porque me falte habilidade — posso sustentar longas conversas banais com os outros —, mas no sentido da maldade. O único antídoto que conheço contra a banalidade é a maldade. Nunca aprendi a ser compassiva com minha família.

Às vezes sinto que duas pessoas vivem em mim e que uma dessas pessoas (a boa) controla a segunda, mas às vezes se cansa e baixa a guarda, e então a outra (a má) aparece furtivamente, com um desejo louco de machucar por prazer.

Alguns anos atrás, voltei ao meu país por alguns dias para renovar meu passaporte. Minha irmã me convidou para ficar na casa dela, com sua família. Ela e o marido trabalhavam, e a criança — naquela época só havia uma — ia para a creche, assim eu ficava bastante sozinha na casa dela. Eles me cederam o quarto do menino, eu dormia numa cama baixa com lençóis dos Power Rangers e, para me olhar no espelho do closet, tinha que me abaixar um pouco. Depois ia para a sala de jantar, fazia um chá e me sentava para escrever. Às vezes, fazia pausas para bisbilhotar. Não encontrava muitas coisas chamativas, minha irmã é uma pessoa óbvia. Seu único segredo era uma foto do meu pai escondida no seu closet. Eu já conhecia aquela foto; quando mudei de país, ela me disse que, se eu quisesse, podia levá-la. “Não, obrigada, você vai guardá-la melhor”, lhe disse. E por que isso era um segredo? Porque o filho tinha uma versão da família que não contemplava um avô materno. Nem morto, nem vivo, nem nada. Quando perguntei por que ela fazia isso — editar sua genealogia daquela maneira extravagante —, me disse: “É complicado”.

No closet, ela também guardava seus trajes completos pendurados em cabides de madeira maciça para suportar o peso — porque o conjunto incluía os sapatos, guardados numa sacola

de lona com alças penduradas na base do gancho. Eu me perguntei quando os escolhia, se os mesclava de vez em quando ou se eram invariáveis. Na sua mesa de cabeceira havia revistas marcadas em alguma página que talvez ela quisesse ler ou reler. Em geral, eram notas sobre como ressaltar as virtudes do corpo e disfarçar as imperfeições. Era, mais ou menos, o tipo de coisa pelo qual ela se interessava desde a adolescência. Isso, além de morar no mesmo bairro em que crescemos, fazia com que sua casa me parecesse uma porta de entrada para o passado.

Quando eles chegavam, o marido — que se orgulhava de ser um bom cozinheiro — cozinava e ela dava banho no menino. Eu queria ajudar, mas não sabia muito bem como poderia me encaixar numa família ajustada, com suas rotinas e seus hábitos. Fazia coisas elementares: pôr a mesa e contar histórias para meu sobrinho, até que um de nós começava a bocejar — geralmente eu. Então me sentava com minha irmã para tomar um chá e a ouvia contar seu dia em detalhes exasperantes. A essa altura, minha tia Vicky tinha morrido fazia quase um ano, e minha irmã ainda continuava com raiva. Mas ela não estava zangada com a morte, nem com a vida, nem com Deus — que a levou tão cedo —, e sim com o aquecimento global, o lixo tóxico, os laboratórios que produziam vírus, a radiação das antenas nas vias públicas e com qualquer outra coisa que pudesse estar atrofiando nossas células. O cotidiano que compartilhávamos era uma ficção, mas nos primeiros dias deu certo. Às vezes, até parecia agradável. Criei o hábito de ir à lojinha comprar chocolates mini Jet, que depois escondia em lugares onde sabia que minha irmã e sua família os encontrariam facilmente. Eles sempre fingiam estar surpresos, todos nós fingíamos não saber de onde tinham vindo e meu sobrinho era tomado por uma risada nervosa, uns cacarejos de pânico bastante incontrolláveis. Nem assim confessávamos, deixáva-

mos que ele acreditasse que um duende entrava na casa para nos deixar guloseimas. Depois de uns dez dias que eu estava lá, porém, apareceu a outra, a malvada, e comecei a fazer-me de esnobe; dizer coisas ridículas com o nariz empinado, como se cheirasse tudo mais do que o necessário: “Quem será que inventou esse costume ordinário de pôr queijo em cima de um peixe?”, soltei uma noite, e revirei os olhos de nojo. Meu sobrinho entendeu o suficiente para deixar intocado o prato que seu pai lhe servira, uma posta de robalo mergulhada em cheddar. Eu camuflava minhas explosões no álcool, para que, numa análise posterior da situação, alguém pudesse dizer: “Coitadinha, ela está bebendo muito”. Era um pouco verdade. À medida que eu bebia, a noite ia perdendo o brilho e aumentava meu desejo de ressaltar a opacidade que envolvia todos nós. Na véspera de ir embora, aumentei a aposta. “Comida cremosa é o disfarce da incompetência”, eu disse, assim que abri a segunda lata de cerveja, “um bom cozinheiro prefere fazer xixi no prato a banhá-lo em creme.” E minha irmã correu para jogar fora o rocambole de frango e bechamel que havia preparado de surpresa para mim. Ato contínuo, pegou o telefone e pediu uma pizza.

Eu sabia que minha irmã passara a tarde batendo ovos, macerando pimentões, dourando alho e executando não sei quais outras especificidades dedicadas inteiramente a mim? Óbvio que sabia. Sabia que a verdadeira elegância era um misto de humildade e discrição? Não sabia. E o fato de minha irmã não ter respondido indicava que ela sim sabia. Sua grandeza me esmagava. De manhã, com o táxi do lado de fora, mala na mão e pés enterrados num estranho nevoeiro que pairava na rua, pedi perdão. Mas disse baixinho, sem me dirigir a ninguém, e as palavras evaporaram. Eu me inclinei para fora da janela do carro para vê-la enquanto me afastava: uma menina gigante esperando que seus pais viessem buscá-la. Um cartão-postal

do desamparo. E eu, uma fugitiva. Chorei o resto da viagem de táxi e chorei no avião também, até que uma aeromoça me ofereceu um uísque, ao qual adicionei um sonífero.

Então agora eu a escuto em silêncio e lhe dou respostas mentais que atijam meu aborrecimento em vez de aliviá-lo. Agora eu a escuto e assinto com docilidade, enquanto luto para conter a criatura desnorteada dentro de mim, arrancando com os dentes as cutículas que sangram.

Qualquer pessoa mais ou menos sã consideraria suspeito o fato de eu continuar irritada com coisas tão insubstanciais como sua gesticulação imoderada ou aquela tosse mínima, mas constante, que a faz interromper as frases para limpar a garganta com uma espécie de rugido. Uma vez tentei contar tudo isso para minha amiga Marah e ela ficou pensativa, dizendo-me depois:

— Talvez crescer signifique aprender a transformar essa irritação em ternura.

— Tá.

— Já viu quando alguém diz: “Isso me entenece”, mas não num sentido sarcástico, e sim resignado?

— Sim?

— Ok, isso é um sinal de ter crescido.

Então, segundo Marah, eu não tinha crescido. Padecia de nanismo emocional.

— Ou talvez não — respondi —, talvez a irritação venha de outra coisa que prefiro interpretar como preguiça.

— Preguiça?

— Sim, tenho preguiça de desvendar.

— Mas por quê?

— Porque dura muito tempo, dura para sempre e, em geral, não se tira muito proveito disso.

— Então — disse Marah —, qual seria sua solução?

— Evadir-me — isso soou como se eu não estivesse improvisando, como se estivesse mastigando aquela resposta junto com minhas unhas —: soltar o peso e me libertar.

É o que estou fazendo agora. Passo pela porta de vidro do apartamento, a que dá para a varanda e que, deste ângulo, tem vista para um edifício em construção vários quarteirões à frente, e cuja estrutura quadriculada e oca contém pedacinhos do céu. De longe, parece um desenho. A obra está parada há meses. A estrutura de concreto ficou pronta, pisos e lajes foram terminados, mas não chegaram à finalização. Seria um prédio de escritórios, cinquenta andares de concreto e vidro, e um daqueles elevadores panorâmicos dos quais muitas vezes é preciso ir tirar alguém com vertigem. Ou em pânico. Ou banhado em vômito.

A ruga na testa da minha irmã começa a se dissolver:

— Está fazendo muito calor? — pergunta.

— Não, agora é outono.

— Que lindo, como nos filmes.

Que filmes?

— Mas o sol é brutal — digo.

É verdade. Pelas janelas ocas do edifício cinzento, *o sol brota brutal e brilhante*.

— Aqui também, você sabe, aqui é o verão eterno. — Ela ri meio sem graça.

Verão. Difícil dizer sem o contraste. Calor excessivo o ano todo não significa verão.

— Enfim, o verão também é bom, né? — ela diz.

Verão significa o renascimento de algo que morreu. Sem morte não há vida, quero dizer a ela. As folhas doentes morrem primeiro, e isso é bom para elas porque renascem mais cedo, logo no início do calor. As mais saudáveis resistem, atravessam

a estação e se mantêm vivas num clima que as castiga. Vivem mais e sofrem mais. São mártires.

— Não sei se gosto de verão. — Suponho que ela esteja esperando que eu diga isso para que possa me dar uma resposta tranquilizadora.

— Que sorte, então. Porque você não teria opção aqui.

A verdade é que minha irmã nem sempre preenche as lacunas nas conversas da mesma maneira. Tenho de admitir que ela se arranja melhor do que eu. Às vezes, quando percebe que ficamos em silêncio por um tempo e com o olhar distante, ela prossegue com uma estratégia que me parece sábia: contar-me histórias de pessoas que não conheço, ou que conheço apenas através das suas histórias repetidas, graças às quais me resultam de fácil leitura. É assim que posso lhe dar respostas precisas para suas perguntas arbitrárias:

Adivinha o que a Maria Elvira fez comigo? / Pediu dinheiro emprestado e não te pagou. / Você é uma bruxa, sabe?

Você não sabe o que aconteceu com o Lucho! / Qual Lucho? / O tio Lucho. / Ficou bêbado e foi roubado. / Isso mesmo!

Você se lembra do filho da Patricia Piñeres? / Eu acho / Bem... / Ele é gay. /A-há!

Melissa, minha cunhada, pediu demissão. /Por quê? Engravidou de novo? / Virgem Santíssima, como você faz para acertar?

Mas esse não é o caso hoje. Ela não me diz nada sobre ninguém. Quando percebe meu silêncio, se cala e suspira. Suponho que ela também se canse do peso da incompreensão; suponho que eu lhe pareça não apenas uma irmã *desapegada, desafortunada e displicente*, mas uma mulher orgulhosa. Para ela, também, o parentesco não é suficiente, claro que não. Em casos como o nosso, conviver não é uma questão de magia, química ou afinidade, mas de *tenacidade, de teimosia, de trabalho tortuoso*.

Às vezes, a evasão consiste em imaginar um buraco negro no pensamento, através do qual lanço enumerações enganosas, ou palavras semelhantes em forma e significado. Em todo caso, a evasão é sempre um jogo bobo que me ajuda a desviar o foco.

— Bem, você já vai receber a encomenda — diz ela, como preâmbulo do encerramento.

Então percebo suas roupas: mais formais do que em outros dias, todas na paleta do bege, como se estivesse vestida para ir a um batizado. Seu cabelo está alisado, num tom mais claro do que da última vez, sem raízes visíveis. É um milagre que seu cabelo continue crescendo depois de alisá-lo por tantos anos, e de um modo tão consistente que minha tia Vicky tinha que fazer compressas de aloe vera para curar a irritação no seu couro cabeludo. Minha irmã é branca como um merengue de claras batidas, mas seu cabelo é encaracolado e indomável, e esse, como dizia minha avó, é o único e verdadeiro traço que define a negritude. Boa parte da sua adolescência foi dedicada a erradicar essa característica, mesmo que isso significasse dilacerar a cabeça.

— Você vai a algum lugar? — pergunto.

Não há barulho ao seu redor, o que me faz supor que os filhos, o marido e o cachorro chato que solta pelos à medida que anda não estão presentes. É sábado e eles geralmente estão todos por ali, zumbindo pelos cantos como cigarras da montanha.

— Vamos pro cruzeiro.

— Onde?

— Eu te falei, vamos fazer um cruzeiro.

E eles estão muito contentes porque há um monte de atividades para as crianças, diz ela. E um cinema com *monster screen*; piscina de ondas e piscinas normais; chefs de todo o mundo; aulas de ioga; um spa colossal; lojas de grife; dois eventos de gala...

— E o cachorro?
— Ele vai ficar com os vizinhos, está indo agora.
— Vocês já vão?
— O navio sai em duas horas, mas ainda temos que chegar ao porto.
— Tá.
— Bem, cuide-se. — Ela se aproxima da tela e solta um beijo sonoro.
— Boa viagem — respondo, mas seu rosto desapareceu. Só encontro o meu refletido na tela, com aquele olhar de aborrecimento que me resta quando sinto que perdi algo.
Qual o destino do cruzeiro? Quando ela planejou isso? É uma viagem repentina? É um prêmio?
Lembro-me do meu papel, do trâmite, da urgência do meu chamado.
Marah teria me dito que, talvez, não houvesse essa urgência. Como não?
Eu realmente queria ir para a Holanda?
Sim, queria.
Para quê?
Para escrever.
E o que estava fazendo aqui?
O mesmo, mas com sofrimento.
E aquele cara com quem eu estava saindo há... dois, três meses, ele não me fazia duvidar nem um pouco?
Não.
Nem um pouco?
Não.
Não?